

**UM ENTRETENIMENTO PARA OS TEMPOS DE GUERRA: representações e propaganda ideológica em *Captain America Comics* (1941 – 1943)**

GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO\*

O advento da televisão após a Segunda Guerra Mundial criou uma forma dominante de comunicação e entretenimento. São filmes, telejornais, novelas, desenhos, etc. Porém, antes do surgimento dessa mídia havia outras mídias que, guardadas as devidas proporções, conseguiram conquistar seu espaço no mercado sendo vendidas para milhares de pessoas. Entre elas estavam os *comic books*, conhecidos popularmente no Brasil como histórias em quadrinhos ou HQs.

Assim como a televisão, nas HQs “Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais [...]” (KELLNER, 2001). Nosso objetivo neste trabalho será analisar as representações sobre a política estadunidense e a propaganda ideológica nas HQs do Capitão América publicadas entre 1941 e 1943 pela editora *Timely*. Também, apoiados nos estudos culturais e sobre as mídias, objetivamos analisar de que forma essas representações pretendiam influenciar a opinião dos leitores que consumiam essas histórias naquele período.

O historiador espanhol José Joaquín Rodríguez Moreno em seu artigo sobre o Capitão América observa de forma muito perspicaz que todos os super heróis, ou pelo menos a esmagadora maioria deles, têm suas origens em um momento dramático em que deixam de ser pessoas comuns e se transformam em seres de grande poder com habilidades especiais. O historiador, então, cita dois personagens oriundos das HQs que são conhecidos mundialmente, Batman e Hulk. Aquele teve seu ponto de origem ao testemunhar a morte de seus pais quando era criança durante um assalto e este, um cientista, ao ficar exposto a material radioativo (MORENO, 2013:1). O que chama atenção é que, como MORENO aponta, a origem do gênero de HQs aos quais esses dois personagens pertencem, de super heróis, também teve sua origem em um momento difícil. Eram os anos da Depressão, os Estados Unidos sofriam com a crise após uma

---

\* Licenciado em história pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pós - graduando em Educação e Formação de Educadores pelo (IF-SUL).

década do término da Primeira Guerra Mundial e que desde então havia sido tranqüila e próspera.

### **Os *comic books*, entretenimento para uma época de crise:**

Referindo-se ao impacto que a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) teve sobre os cidadãos dos países envolvidos no conflito, o historiador Eric Hobsbawm afirma que “Para os que nasceram antes de 1914, o contraste foi tão impressionante que muitos [...] se recusaram a ver continuidade com o passado. Paz significa antes de 1914, depois disso veio algo que não merecia esse nome”. (HOBSBAWM, 1995:30). De fato, as perdas tanto materiais como humanas surpreenderam os países envolvidos no conflito que a partir de então, ansiavam por restabelecer o cenário político pré-1914.

Para isso, foram realizados vários acordos entre essas potências como o Tratado de Versalhes<sup>1</sup> em 1919, que previa uma série de penalidades para a Alemanha, apontada como responsável pelo início do conflito, teria de ceder parte de seus territórios, diminuir seu exército, além de ter de ressarcir França e Inglaterra pelos estragos causados durante a guerra. No início da década de 1920 e em todo o seu decorrer, assistiu-se ao nascimento de uma nova ideologia dominante, a ideologia da paz. A ideia de uma pacificação permanente tornou-se o centro de várias discussões internacionais que resultaram em acordos de desarmamento e diminuição de esquadras.

. Com esse processo de pacificação, novos mercados se abriram e foram ampliados ainda mais “por el uso massivo Del petróleo y la eletricidade em la indústria y em la vida cotidiana”<sup>2</sup> (RODRÍGUEZ, 2011:1). Pensava-se que as crises do sistema capitalista haviam sido deixadas para trás e que o mundo havia finalmente entrado em um período de prosperidade econômica ininterrupta.

Para os Estados Unidos, os anos de 1920 foram uma época de prosperidade e mudanças na sociedade. Entre essas mudanças estão a expansão da educação para jovens de ambos os sexos e uma crescente urbanização. Rodríguez afirma que em uma década de prosperidades “cuyas señas de identidad serian El automóvil y la energía eléctrica, EE.UU. se refugiaba en el dinero y en la confianza ciega en un futuro prometedor”<sup>3</sup>(RODRÍGUEZ, 2010:21).

---

<sup>1</sup> Sobre o Tratado de Versalhes ver ( BECKER, 2011)

<sup>2</sup> Tradução: em português “pelo uso massivo do petróleo e da eletricidade na indústria e na vida cotidiana” (tradução nossa).

<sup>3</sup> Tradução: em português “cujos traços de identidade seriam o automóvel e a energia elétrica, os EUA se refugiava no dinheiro e na confiança cega em um futuro promissor” (tradução nossa).

Porém, ninguém poderia imaginar que uma crise com a envergadura da que atingiu os Estados Unidos em 1929 e assolou o mundo, estava prestes a acontecer. Até 1929 os Estados Unidos eram responsáveis por 40% da produção industrial mundial, 16% do comércio internacional e 50% da reserva mundial de ouro, como observou Akira Iriye: “se alguma coisa acontecesse com a economia americana, conseqüentemente, teria um impacto severo em outros países” (IRIYE, 1993:116, tradução nossa).

O impacto foi realmente devastador, os Estados Unidos tiveram de cortar os empréstimos a países europeus, as exportações caíram 60% até 1932. Os efeitos da crise acabaram desestabilizando o cenário político internacional afetando as tentativas de paz firmadas durante toda a década de 1920. As pessoas ansiavam por alguém capaz de resolver os problemas sociais causados pela crise. Essa situação favoreceu o surgimento de regimes totalitários. Assim, no início da década de 1930, na Itália instaurou-se um regime fascista sob a liderança de Mussolini enquanto na Alemanha o partido nazista se fortalecia até que, em 1934, Adolf Hitler assumia o poder por meio de um golpe de Estado.

No entanto, se de um lado havia a ascensão de partidos conservadores apoiados em ideologias nacionalistas radicais, por outro havia a experiência econômica vivida na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) pós Revolução Russa. Os Estados Unidos, bem como outros países europeus, tiveram que lidar com o medo de uma revolução socialista no seio de suas sociedades antes mesmo que a Primeira Guerra Mundial chegasse ao fim. Portanto, de acordo com Rodríguez, o fascismo e os movimentos ultranacionalistas foram vistos como males menores que poderiam ser domesticados para combater a crescente “ameaça vermelha”.

Embora não tenha tomado as mesmas proporções que em muitos países europeus, nos Estados Unidos, a crise provocou o crescimento de grupos políticos racistas ligados à extrema direita. O partido comunista também cresceu consideravelmente, afinal a classe trabalhadora foi a que mais sofreu com a crise. O desemprego aumentou assustadoramente de 1,5 milhões para 12 milhões de desempregados até 1932. E mesmo os que conseguiram manter seus empregos sofriam com a queda acelerada dos salários. Contudo, Franklin D. Roosevelt, presidente eleito em 1932 lançou uma série de medidas que visavam amenizar o impacto da crise sob milhões de estadunidenses, os quais se viram de uma hora para outra vivendo uma situação desoladora. Apesar de não terem sido bem aceitas inicialmente, essas medidas contaram com o apoio de uma máquina

propagandística financiada pelo governo a qual propagava uma mensagem de esperança para os trabalhadores enfrentarem a crise com novos olhares. A utilização dos meios de comunicação de massa como forma de propaganda política foi uma das características mais marcantes do período entre guerras.

Foi nesse contexto que a indústria do entretenimento se desenvolveu. Ela cresceu, basicamente, sob duas bases: a crise econômica e a máquina propagandística do governo de Roosevelt. Com certeza a primeira foi muito mais importante para o crescimento dessa indústria porque suas consequências, como o alto índice de desemprego e a fome, deixaram a população em uma situação desesperadora. Dessa forma os meios de entretenimento, o cinema, o rádio e as charges publicadas em revistas e jornais, por exemplo, serviam como uma válvula de escape permitindo que seus consumidores desfrutassem de alguns momentos de distração, criando um mundo mais otimista, diferente da dura realidade.

A importância que os meios de entretenimento alcançaram nesse período foi tamanha que alguns historiadores falam em sua função de psicoterapia social. Gubern afirma que: “Esta función de psicoterapia social estuvo desempeñada sobre todo por el cine, por la radio y por los cómics, pilares de la cultura audiovisual de masas en la primera mitad del siglo, antes de la emergencia de la televisión.”<sup>4</sup> (GUBERN, 1998: 85). De acordo com Moreno, o governo estadunidense também percebeu que a indústria do ócio era mais do que uma ferramenta de propaganda era também “una forma de combatir los efectos psicológicos de la crisis económica y, más adelante, de la guerra.”<sup>5</sup> (MORENO, 2010: 37). Portanto, ao distribuir roupas e alimentos para os desempregados, o governo fornecia junto entradas para o cinema e posteriormente iria distribuir HQs entre as tropas que iriam lutar no front.

Com milhões de desempregados ansiosos por algo que lhes aliviasse as preocupações cotidianas a indústria do entretenimento possuía diante de si um mercado crescente com uma enorme demanda. Assim, no momento em que muitos setores da indústria nos Estados Unidos enfrentavam grandes dificuldades financeiras, despedindo seus

---

<sup>4</sup>Tradução: em português “Essa função de psicoterapia social foi desempenhada sobretudo pelo cinema, pela rádio e pelos *comics*, pilares da cultura audiovisual de massas na primeira metade do século, antes da emergência da televisão” (tradução nossa).

<sup>5</sup> Tradução: em português “uma forma de combater os efeitos psicológicos da crise econômica e, mais adiante, da guerra” (tradução nossa).

empregados, quando não decretavam falência, a indústria do entretenimento se tornava muito lucrativa.

Na verdade, em um campo – a diversão e o que mais tarde veio a chamar-se ‘meios de comunicação’ – os anos entre guerras viram uma reviravolta [...] com o triunfo do rádio de massa e da indústria de cinema de Hollywood, para não falar da moderna imprensa ilustrada de rotogravura. Talvez não seja tão surpreendente o fato de que as gigantescas casas de exibição cinematográfica se tivessem erguido como palácios nas cinzentas cidades do desemprego em massa, pois os ingressos de cinema eram extremamente baratos, tanto os muito jovens como os velhos, mais atingidos pelo desemprego de então e depois, tinham tempo de sobra” (HOBSBAWM, 1994: 106)

Os *comic books* tal qual o formato em que seriam publicadas as histórias do Capitão América surgiram na segunda metade da década de 1930 após várias tentativas de separar os “quadrinhos” dos jornais tornando-os um negócio independente desses<sup>6</sup>.

Somente em 1938 iria aparecer um novo gênero de *comics books*, o de super-heróis. Em 1938 a editora *National Allied* lançava no mercado *Action Comics #1* estreado *Superman*. As aventuras de *Superman* conseguiram atrair a atenção do público uma vez que o novo gênero não podia ser encontrado nas *strips* dos jornais. Portanto, os super-heróis se tornaram um sucesso aparecendo dezenas deles em pouco tempo. O sucesso era tamanho que em 1940 eram vendidos mais de doze milhões de exemplares de *comic books* por mês e em 1943 se vendiam por volta de vinte e cinco milhões.

Para Martin Goodman, dono da editora *Timely*, publicar HQs era apenas um negócio lucrativo como fora com as *pulp-magazines*<sup>7</sup> western e de ficção científica anos atrás. Com o sucesso do novo gênero de super-heróis, não demorou muito até que ele investisse nesse mercado que apresentava um grande potencial. Nasceram, então, os super-heróis da *Timely Comics* com os respectivos nomes de *The Sub Mariner* e *The Human Torch*, eles apareceram pela primeira vez nas páginas da revista *Marvel Comics*. Porém, as histórias de super-heróis da editora *Timely* iriam passar por muitas mudanças nos anos seguintes. A iminência de um conflito europeu fomentado pela Alemanha de Hitler e os relatos de judeus europeus que conseguiram migrar para a América chamaram a atenção imediatamente de alguns setores da sociedade, como a imprensa que desempenhou um papel importante na divulgação do que estava ocorrendo com os

---

<sup>6</sup> Os comic strips eram tiras publicadas em jornais que com o sucesso passaram a ser publicadas no formato de *comics*.

<sup>7</sup> Martin Goodman começou seu negócio com as publicações de *pulp-magazines*, revistas de papel barato com histórias de aventura e ficção voltadas ao público masculino.



judeus (HOBSBAWM, 1994: 151). Embora, o extermínio em massa nos campos de concentração tenha ocorrido durante a guerra, os judeus já haviam sofrido diversas perseguições e sido rebaixados a condição de cidadãos sem direitos.

Naturalmente isso causava um grande desconforto aos judeus que viviam nos EUA, pois estavam assistindo os governos liberais ficarem de braços cruzados perante uma ameaça que colocava a democracia em risco e o pior, a ameaça estava bem próxima dos estadunidenses. Desde os anos 1930 haviam surgido grupos nazistas nos EUA, os quais conseguiram, inclusive, se organizar e fundar um partido. Portanto, não é de se estranhar o empenho da editora nos anos seguintes em atacar o nazismo nas páginas de suas publicações, já que o dono e boa parte de seus empregados eram judeus ou descendentes de judeus de origem européia (MORENO, 2010: 75 e 92).

Em 1940, os *comics* publicados pela *Timley* começaram a investir contra o nazismo e a Alemanha. Segundo Rodríguez “Godman, possivelmente inspirado por *The Shield*, pediu a Jose Simon, um destacado desenhista que havia contratado como editor, que criasse um herói patriota. Vestindo um uniforme com as cores da bandeira.” (MORENO, 2011: 9). Das mãos de Joe Simon e outro desenhista chamado Jacob Kurtzberg, nascia um novo super-herói, o Capitão América. Aprovado por Goodman, em março de 1941 era publicada sua primeira história.

Certamente havia uma grande expectativa em cima do personagem, pois em sua primeira aparição as histórias já foram publicadas em uma revista solo, algo raro para os personagens da *Timley*. Sucesso de vendas, *Captain America #1* vendeu cerca de um milhão de exemplares! Desde então, as histórias do defensor da América foram publicadas ininterruptamente durante todo o período da Segunda Guerra Mundial.

### **Ideologia e Mensagem da Editora *Timely*:**

As histórias que selecionados para fazer essa análise foram publicadas entre 1941 e 1943. Realizamos esse recorte temporal por questões metodológicas e também porque foi durante esse período que os Estados Unidos saíram de uma posição de neutralidade e ingressaram no conflito. Assim, como o objetivo é fazer uma análise das representações ideológicas sobre a política estadunidense nas histórias do Capitão América, seria interessante analisar se essa mudança de postura política foi representada e como foi representada nessas publicações.

Douglas Kellner, ao discutir sobre o conteúdo dos meios de comunicação, usa o termo cultura da mídia porque de acordo com ele “tem a vantagem de designar tanto a



natureza quanto a forma das produções da indústria da mídia (ou seja, a cultura) e seu modo de produção e distribuição [...]” (KELLNER, 2001: 52). Para Kellner, a cultura da mídia “assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Produz representações que tentam induzir a anuência a certas posições políticas [...]” (KELLNER, 2001: 81). Em concordância com os pontos de vista desse autor, entendemos que a editora *Timely*, com suas publicações, pretendia influenciar a opinião do público que consumia suas histórias.

Como foi citado anteriormente, os Estados Unidos adotaram inicialmente uma posição de neutralidade em relação à guerra na Europa. A opinião pública se mostrava contrária devido ao fato de o país estar se recuperando de uma crise financeira e também porque as conseqüências da Primeira Guerra ainda estavam vivas na memória das pessoas.

A primeira história do Capitão América chegava às bancas em março de 1941. Era um personagem novo, trajando as cores da bandeira estadunidense e enfrentando ninguém menos do que Adolf Hitler na capa. A HQ trazia quatro histórias de seu personagem principal, a primeira apresentava o herói que estreava na capa. Essa história é bem importante porque apresenta o personagem e situa o leitor no tempo e no espaço nos quais as aventuras do Capitão transcorrem.

Em sua primeira página temos duas cenas à esquerda. Na primeira, após situar o leitor, que se trata dos Estados Unidos e em 1941, o narrador explica a cena: “Assim que os promotores da guerra na Europa focam seus olhos na pacífica América... a juventude de nosso país atende ao chamado de se armar para a defesa.” Abaixo o leitor pode ver uma fila de jovens sorrindo com as malas nas mãos caminhando em direção a uma tenda branca. À esquerda há um homem, um oficial das forças armadas e ao seu lado há uma placa onde se pode ler “ponto de recrutamento”. Na sequência, há outra cena introduzida novamente pelo narrador, “mas o risco de um ataque estrangeiro é grande...é a ameaça de uma invasão do interior...a temida quinta coluna”.



FIGURAS 1 E 2: *Captain America Comics*. Março de 1941.

Os sabotadores conseguem destruir uma fábrica de munições. A mensagem é clara, nosso país é uma terra pacífica, porém encontra-se ameaçado por forças estrangeiras que desejam enfraquecê-lo para dominá-lo. Na página seguinte o narrador diz “a resultante onda de sabotagens e traição paralisa as indústrias vitais de defesa”. Assim, é possível deduzir que as sabotagens não se restringem apenas a narrada na história, mas passa a impressão para o leitor de que há uma onda crescente de sabotagens por todo o país. Os espões são bem organizados e agem em conjunto como a quinta coluna.

Na página seguinte, em Washington, há um diálogo entre oficiais do exército e o presidente Roosevelt. Eles discutem sobre a onda crescente de sabotagens que está assolando a indústria bélica, os inimigos conseguiram se infiltrar por toda a infraestrutura do país e agora são uma grande ameaça. O presidente os apresenta, então, a um homem chamado J. Arthur Grover, chefe da agência federal de investigação, o FBI. Grover vai conduzi-los até um laboratório secreto e apresentar a solução para combater os espões, um projeto secreto para criar um super soldado.

A história da origem do Capitão América foi muito original para uma época em que o plágio entre editoras era comum. Um rapaz de aparência franzina, rejeitado pelo exército devido a sua condição se oferece como cobaia para o governo testar um soro experimental. Um soro capaz de transformar um homem comum em um super soldado, o qual superaria qualquer ser humano em força e inteligência. Assim, em um laboratório secreto testemunhado por agentes do governo e pelo cientista responsável pelo projeto, o leitor pôde ver o pequeno e franzino Steve se transformar em um novo homem, o Capitão América.

Porém, entre o público que observava o sucesso do experimento havia um espião alemão que tenta sabotar o projeto assassinando o cientista responsável. Entretanto, ao



tentar fugir do Capitão América o espião morre eletrocutado. Dessa forma, com o criador do soro morto não há possibilidade de criar o exército de super soldados, idéia inicial caso o soro funcionasse. Assim, o Capitão é o único com as habilidades necessárias para enfrentar os inimigos que ameaçam os Estados Unidos.

Enquanto propaganda ideológica, as HQs podem ser muito eficientes devido a sua natureza. É um meio de entretenimento que pode ser consumido rapidamente e de fácil compreensão unindo texto e imagens. A forma como as histórias são estruturadas situam o leitor dentro de um mundo binário, onde são representadas sempre duas forças opostas e em constante conflito, o bem versus o mal. O significado do que é ser “mau” ou “bom” é moldado através de suas representações. Stuart Hall, sobre representações culturais, afirma que nós damos significados às coisas a partir da forma “como nós as representamos – as palavras que nós usamos sobre elas, as histórias que contamos sobre elas, as imagens que nós produzimos sobre elas, as emoções que nós associamos a elas, as formas como as classificamos e as conceituamos [...]” (HALL, 1997: 3 tradução nossa).

Portanto, há o herói que possui uma série de valores morais inquestionáveis, dos quais não vai se afastar nem por um momento. Honra, honestidade, altruísmo e um sentimento patriótico, são alguns dos atributos mais tradicionais inerentes a figura de um herói nesse momento. O patriotismo do Capitão América, talvez a característica mais marcante desse personagem até hoje, não era uma exclusividade sua em 1941. Havia outros heróis, como o *The Shield*, publicado pela editora *Archie* que também era carregado de um patriotismo exacerbado. Prontamente identificado pelos leitores através de sua aparência, homem branco, heterossexual, robusto fisicamente, todo comportamento do herói nas histórias será associado ao que é correto e aceito pela sociedade estadunidense.

Em contrapartida, para que essa diferença, bem e mal, seja marcada é preciso que o vilão contraste com as virtudes do herói. Os inimigos do Capitão América também podem ser identificados facilmente pelos leitores devido a sua aparência, roupas e comportamentos. Geralmente eles possuem uma suástica em suas roupas, suas falas são misturadas com palavras em alemão ou possuem características físicas que os tornariam “menos humanos”, como dedos largos, dentes afiados, etc. Will Eisner, um famoso quadrinista, reconhece que esse conjunto de características que constituem e ao mesmo tempo distinguem o vilão e o herói, ou seja, os estereótipos, são uma característica

própria das histórias em quadrinhos “o estereótipo é bastante comum nos quadrinhos. Ele é uma necessidade maldita” (EISNER, 2005: 21). Ele ainda afirma que quando o leitor de histórias em quadrinhos visualiza esses estereótipos “é despertado no leitor uma mensagem a partir da imagem estereotipada.” (EISNER, 2005: 23)

Na segunda edição de *Captain America*, publicada em abril de 1941, podemos ver o herói ao lado de seu parceiro mirim, Bucky, defendendo seus valores da ameaça nazista. A história começa com o pronunciamento em uma estação de rádio sobre um milionário estadunidense que pretende investir seu dinheiro para ajudar a Inglaterra na guerra contra a Alemanha. Na fala de Henry Baldwin, o milionário em questão, é apresentado os motivos para tal atitude. “Eu possuo uma crença firme na democracia. Se o meu dinheiro vai ajudar a enfrentar o nosso inimigo, eu vou dar tudo o que puder”. Ele não se refere apenas a Alemanha como inimigo da Inglaterra, mas “*our enemy*”, nosso inimigo. Portanto, se ele enquanto um cidadão dos Estados Unidos, que acredita na democracia, está empregando seus recursos e esforços para enfrentar os nazistas, todos deveriam fazer o mesmo.



**FIGURA 3:** Radialista: “Senhores, é chegado o tempo em que as democracias devem permanecer unidas. O destino do mundo depende da vitória da Inglaterra. O destino da Inglaterra repousa na ajuda financeira de nosso Henry Baldwin! *Captain America Comics* #2. Abril de 1941.

Na cena seguinte desenrola-se um diálogo interessante entre Bucky e o Capitão. “Agora, ele é o que eu chamo de um verdadeiro americano”, Bucky comenta e o Capitão completa “e mais como ele são necessários Buck! Vamos lá... Baldwin está indo embora!”. Baldwin será seqüestrado por nazistas e levado para a Europa. Os heróis conseguem seguir seu rastro viajando disfarçados. Então, o leitor descobre que o

seqüestro de Henry Baldwin envolve um plano ardiloso de Adolf Hitler para extinguir os sistemas democráticos dos países europeus.



**FIGURA 4:** *Captain America Comics #2*. Abril de 1942

Conforme Eric Hobsbawm observou, a Segunda Guerra Mundial “[...] pode ser mais bem entendida não como uma disputa entre Estados, mas como uma guerra civil ideológica internacional.” (HOBSBAWM, 1994, p.146). A HQ consegue refletir esse clima de conflito ideológico internacional que permeou a sociedade estadunidense. A crise nos sistemas democráticos, bem como o perigo do fascismo, é atribuída a maquinações dos líderes inimigos. Abaixo, vemos Hitler arquitetando um plano no qual um farsante iria se passar por Henry Baldwin.



**FIGURA 5:** *Captain America Comics #2*. Abril de 1941

Nesse ponto da história, Hitler é representado como um inimigo ardiloso, com um plano inteligente para dominar a Europa. O ato de socar a mesa ajuda a reforçar a impressão de que ele é um indivíduo cheio de ódio, um tirano. No entanto, após seu plano ser descoberto por Bucky, ele e o Capitão América partem para a Europa com o intuito de libertar o verdadeiro Henry Baldwin. Juntos eles invadem uma base alemã, enfrentam tropas alemãs e vencem. Ao entrarem em um alojamento desenrola-se uma cena cômica. Hitler e outro oficial estão escondidos atrás de uma mesa. Ambos estão com medo dos heróis estadunidenses que conseguiram vencer sozinhos o seu exército.

Então, em um primeiro momento dessa história o inimigo é representado como uma figura perigosa, maquiavélica e em um segundo momento, diante dos heróis, é um ser covarde que se esconde atrás de uma mesa enquanto seus soldados lutavam do lado de fora. A mensagem ideológica da *Timely* é clara, Hitler e seus oficiais são uns covardes e temem o poder dos Estados Unidos. Essa idéia é mais reforçada ao final da história quando tanto Hitler quanto o oficial alemão são derrotas não pelo Capitão América, mas apenas pelo seu parceiro, um adolescente.

O protagonismo reservado ao Bucky não é algo incomum nas histórias do Capitão América e talvez ocorresse devido ao fato de grande parte do público consumidor dessas publicações ter sido formado por crianças e adolescentes. No entanto, especificamente nessa história, podemos entender não apenas como uma forma de atingir essa parcela significativa do público mas também, como uma forma de depreciar o *Fuhrer*. Até mesmo um adolescente estadunidense é capaz de derrotá-lo.



**FIGURA 6:** Buck: "Vocês estão satisfeitos?". *Captain America Comics* #2. Abril de 1941

Durante todo ano de 1941 a *Timely* seguiu o mesmo padrão em suas histórias com poucas variações. No entanto, em sete de dezembro de 1941 os Estados Unidos foram surpreendidos por um ataque Japonês à sua base naval de *Pearl Harbor*. Um ataque desse tipo era algo totalmente inesperado nesse momento, pois o governo estava em meio a negociações diplomáticas com o governo japonês. Porém, desde a crise de 1929 havia se tornado necessário para os japoneses conquistar territórios no continente asiático como a região da Manchúria na China, que era rica em recursos naturais. De acordo com o historiador Akira Iriye, a insistência dos Estados Unidos em impor termos em seus acordos diplomáticos com o Japão para que esse limitasse sua expansão na Ásia, abrindo mão de territórios na China, era muito incômodo para o Japão. Essas

propostas que privavam os japoneses desses recursos preciosos foram vistas como uma forma de provocação<sup>8</sup>.

Malogradas as tentativas de negociação entre os dois países e com o ataque surpresa à *Pearl Harbor*, entrar na guerra tornara-se inevitável. Hitler, empolgado com os estragos causados pela ofensiva japonesa não tardou a declarar guerra aos Estados Unidos. A editora *Timely* não ficou indiferente ao ocorrido. O sentimento de traição e de que era necessário revidar passou a permear as histórias do Capitão América. Se antes a campanha da *Timely* contra o nazismo era movida por questões pessoais também se tornara agora uma forma de apoiar o governo e este por sua vez concedia uma série de benefícios para quem o fizesse. O governo dos Estados Unidos estava mobilizando a população para a entrada do país no conflito e assim começaram a aparecer selos como “Lembre-se de *Pearl Harbor*” nas capas das HQs e propagandas de bônus de guerra nas histórias.



**FIGURAS 7:** Selo que começou a aparecer em algumas edições após o ataque de *Pearl Harbor*. Propaganda do governo para a compra de bônus de guerra. Essas propagandas passaram a permear as páginas das HQs da *Timely* após a entrada oficial dos Estados Unidos na guerra. *Captain America Comics #13*. Abril de 1942.

Entretanto, não foi somente a propaganda governamental a única mudança nas histórias do Capitão América. Em abril de 1942 chega às bancas a 13ª edição de *Captain America* com novos inimigos. A partir de então, o herói patriota enfrentaria além dos já tradicionais inimigos nazistas, os japoneses. A presença nipônica se tornaria cada vez mais presente, representados como aliados dos nazistas eles tentariam atacar e sabotar os Estados Unidos. No entanto, diferentemente do que ocorreu quando a *Timely* começou a fazer propaganda ideológica contra o nazismo, agora os Estados Unidos já haviam entrado no conflito e o Japão era, de fato, seu inimigo declarado.

Em uma das histórias publicada na edição de setembro de 1942, o Capitão América é convocado pelo governo para ir até o Japão atrás do responsável por um bombardeio surpresa ao território estadunidense e resgatar a agente Betty Ross que havia sido capturada durante uma missão ao descobrir que os japoneses estavam desenvolvendo uma nova arma. Aqui há elementos semelhantes aos utilizados nas representações sobre os nazistas. O inimigo é uma ameaça aos Estados Unidos, mas não apenas no campo de batalha, sua ameaça se estende ao território estadunidense, ou seja, o inimigo é uma ameaça tanto para os soldados no front quanto para os cidadãos dos Estados Unidos, muitos deles leitores dessas histórias. Na história é possível perceber o ressentimento em relação ao ataque à *Pearl Harbor*. Sobrevoando o Pacífico, o Capitão América explica para Bucky ao sobrevoarem *Pearl Harbor* “Aqui é o local onde os ‘japas’ deram um golpe baixo, Bucky!”.



**FIGURA 8:** Sobrevoando *Pearl Harbor*. *Captain America Comics*. Setembro de 1942

Após conseguirem se infiltrar no Japão, a dupla enfrenta as tropas imperiais e descobre a arma secreta japonesa. Trata-se de um canhão de longo alcance capaz de disparar um projétil do Japão aos Estados Unidos. “Eles conseguem encontrar Betty, ela foi feita refém por um homem apresentado como “*The Paw*”, algo como “O Garra”, “o gênio japonês louco”. O inimigo oriental é representado em um cenário exótico, sentado em um trono, com tigres e lacaios ao seu redor. Aos seus pés, acorrentada, encontra-se Betty Ross. Os heróis conseguem salvá-la, derrotar o inimigo que é mais numeroso, destruir a arma eliminando a ameaça ao seu país e retornam para casa em segurança.



**FIGURA 9:** Os inimigos japoneses são representados, na maioria das vezes, em cenários exóticos, distantes. *Captain America Comics #18*. Setembro de 1942

### CONCLUSÃO:

Analisando as HQs do Capitão América publicadas entre 1941 e 1943 fica evidente que a editora *Timely* promovia formas de propaganda ideológica por meio de suas histórias. Para isso, aproveitou a natureza das histórias em quadrinhos que, enquanto um meio de entretenimento de fácil entendimento, para ser consumido rapidamente, utiliza-se de estereótipos para, numa lógica binária, dividir o mundo entre bem versus mal, nós e eles. Portanto, embora não seja uma fonte usual dos historiadores, as HQs podem fornecer indícios de posicionamentos políticos dos seus produtores, as formas como eles intencionavam influenciar as opiniões do público consumidor e de que maneira, nesse caso, a política contemporânea dos Estados Unidos foi representada em suas páginas. Assim, longe de ser uma fonte banal, as HQs analisadas dentro de um modelo adequado às suas particularidades, pode ser muito útil para os historiadores que estejam interessados em se aprofundar na cultura da mídia e compreender seus mecanismos.

### Referências Bibliográficas:

- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AKIRA, Iriye. **The Cambridge History of American Foreign Relations.: The Globalizing of America 1913 – 1945**. EUA: Cambridge University Press, vol.3, 1993.
- BECKER, Jean Jacques. **O Tratado de Versalhes**. São Paulo: UNESP, 2011.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. São Paulo: EDUSC, 2004.
- ECO, Humberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- GUBERN, Roman. Las industrias del ocio **La Cultura de Entreguerras**. Madrid: Historia 16, 1998, p. 85- 106.
- EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.



HALL, Stuart (Ed.). **Representations**. London: Sage Publications, 2003.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

MORENO, José Joaquin Rodríguez. **Los cómics de la segunda guerra mundial: producción y mensaje en la editorial Timely (1939 – 1945)**. Cádiz: UCA, 2010.

\_\_\_\_\_. **El Capitán América y la II Guerra Mundial**. Disponível em: <<http://www.elcoloquiodelosperrros.net/numero11/ideafix.htm#camerica>>. Acesso em: 08 out.2013.